

Editorial

O número 39 da revista Espaço e Cultura é lançado em um cenário muito adverso para as universidades brasileiras, de forma geral, e para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de forma particular. Frente ao pagamento intermitente de recursos por parte do governo do Estado, tornando incertos os financiamentos básicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como bolsas estudantis, salários de servidores e verbas de custeio, esse número da E&C converte-se mais do que nunca em um ato de resistência. Em um período de ataque e sucateamento das instituições públicas, é fundamental que a produção acadêmica de qualidade siga sendo difundida, reafirmando o espaço acadêmico como locus de liberdade e afeto.

Esses elementos certamente estiveram presentes durante a realização do X Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura, ocorrido em novembro de 2016 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, quando mesmo com o prenúncio de tempos difíceis, pesquisadores estrangeiros e brasileiros, em diferentes níveis de formação, se encontraram para debater temas inovadores e instigantes envolvendo espaço, cultura e poder. Com poucas exceções, todos os textos publicados nesse número da E&C foram apresentados no simpósio, que, além das mesas temáticas, ampliou os espaços de circulação do conhecimento com a realização de Grupos de Trabalho e uma exposição.

A imagem da capa desse número 39 da E&C traz um desenho do geógrafo e professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que junto a outros desenhos feitos ao longo de sua reconhecida trajetória, compôs a exposição preparada para nosso simpósio. As imagens foram gentilmente cedidas por Carlos Augusto, que em seus oitenta e nove anos esteve presente na abertura da exposição e recebeu uma bela homenagem por sua colaboração aos simpósios sobre espaço e cultura organizados pelo NEPEC. Na exposição, cuja curadoria ficou a cargo do artista Tom Huet, as imagens transformaram o espaço da sala de exibição, mostrando fragmentos de uma história pessoal em desenhos feitos à mão e reproduzidos nas paredes pelo retroprojeto e em impressões em papel crayon. A interpretação afetuosa e atenta de diferentes paisagens

do mundo está expressa nessa capa que traz uma representação da cidade de Kanazawa no Japão, onde Carlos Augusto passou uma de suas temporadas, em dezembro de 1982.

Os Grupos de Trabalho, reunidos pela primeira vez no simpósio, também se converteram em espaços importantes para o exercício da liberdade e do afeto, promovendo trocas horizontais entre professores, doutorandos, mestrandos e graduandos de diversas origens. Nesta edição, grande parte dos textos foi selecionada do GT de imagem e cultura visual, contemplando uma temática que já se faz presente com vitalidade nos nossos simpósios. Somados a essa seleção de trabalhos, encontram-se textos submetidos à revista que estão circunscritos à temática do número, além da publicação da tradução de um importante debate internacional sobre o tratamento teórico da história dos mapas.

A ordem dos artigos aqui apresentada procura expor as diferentes matizes que atravessam debates contemporâneos sobre cultura visual, apresentando perspectivas críticas e inovadoras. O artigo de abertura, de Verónica Hollman, pesquisadora adjunta do CONICET e professora na Universidade de Buenos Aires, apresenta uma reflexão original sobre as tecnologias de visualização e a crescente circulação de imagens aéreas para um público amplo e diversificado. Considerando que, assim como a experiência de voar, as imagens aéreas formam parte de nossa cultura visual e configuram os imaginários geográficos, a autora introduz abordagens do historiador da arte George Didí-Huberman no intuito de explorar imagens aéreas do artista norte-americano Josh Begley.

O segundo artigo do número foi apresentado na mesa temática do X SIEC sobre historiografia e histórias das abordagens culturais na geografia humana. Breno Viotto Pedrosa, docente da Universidade da Integração Latino-americana, nos oferta uma instigante crítica da virada cultural nas ciências humanas e sociais, assinalando contrapontos fundamentais ao que seria um “império da representação”, proeminente na chamada nova geografia cultural. Comparando interpretações sobre pós-modernidade em David Harvey e Frederic Jameson, assim como concepções de cultura nas geografias de James Duncan e Don Mitchell, o autor procura mostrar que reflexões sobre representação na disciplina resultaram em um afastamento das premissas marxistas. Ao incorporarmos, nesse número, uma contribuição no campo da historiografia, sugerimos que a crítica é prática fundamental na identificação de

potencialidades e limitações de diferentes abordagens sobre a cultura presentes na geografia humana.

Também docente da Universidade da Integração Latino-Americana, Leo Name, em seu texto, tece crítica ao tratamento recorrente de imagens a partir de outro viés. Name promove um diálogo entre duas abordagens geográficas interessadas em imagens, as geopolíticas populares e as geografias pop com concepções decoloniais das geopolíticas do conhecimento, e com isso, sugere uma agenda preliminar de pesquisa, ainda timidamente difundida entre geógrafos brasileiros. Ao examinar as abordagens decoloniais em seus possíveis diálogos com o estudo das imagens na geografia, o autor apresenta uma reflexão que pode auxiliar muitas pesquisas interessadas na colonialidade do poder em representações eurocêntricas sobre o Outro e seus espaços.

Uma perspectiva bastante inovadora, que também se propõe a abrir novas frentes de pesquisa sobre as imagens na geografia, está no texto de Wenceslao Machado de Oliveira Junior, docente no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Tomando como base para sua reflexão os filmes do cineasta português João Salaviza, o autor aproxima o estilo de fazer cinema do português ao pensamento da geógrafa britânica Doreen Massey no intuito de sugerir novos modos de estudo das relações entre imagens e geografia. Ao identificar um estilo próprio no cineasta, o autor se indaga se esses filmes poderiam mostrar caminhos de estudo onde as imagens atuariam como “geografias menores”, se afastando da simples significação da representação espacial.

Os filmes seguem objeto de reflexões no artigo seguinte, assinado por Maria Helena Braga e Vaz da Costa, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A autora explora conceitos de identidade e memória para investigar o espaço urbano da cidade de Recife, representado no filme “Era Uma Vez Eu Verônica” do diretor brasileiro Marcelo Gomes, lançado em 2012. O foco nas memórias individuais dos lugares vivenciados traz uma perspectiva contextualizada da vida urbana contemporânea, que é fundamentada em abordagens vindas da antropologia, da análise de discurso e dos estudos culturais, além de clássicos da geografia humanista como Yi-Fu Tuan e Edward Relph. A professora Maria Helena foi uma das coordenadoras do grupo de trabalho sobre cultura visual, dando continuidade às trocas acadêmicas e

contribuições desde os primeiros Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura, nos quais esteve presente.

Caio Augusto Amorim Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco e Priscila Batista Vasconcelo, bolsista de Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, assinam o texto seguinte. Caio já contribuiu em outras edições da E&C e simpósios do NEPEC e também coordenou, ao lado da professora Maria Helena, o GT de imagens e cultura visual. No artigo, Priscila e Caio trilham percurso investigativo a partir de fotografias autorais de becos no centro histórico do Recife, explorando paisagens inviabilizadas no conjunto do perímetro considerado como patrimônio nos bairros de São José e Santo Antônio.

Os três textos que se seguem estão em sintonia com as traduções desta edição, pois os mapas surgem como objeto de análise. Gutemberg Soares Barbosa, geógrafo formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coteja abordagens que possibilitem uma aproximação entre cartografia e arte. O autor mobiliza uma série de referências da chamada cartografia crítica, como Brian Harley e Denis Wood, buscando instrumentos para pensar mapas artísticos como objetos que desestabilizam visões objetivas do espaço. Seu estudo de caso são obras selecionadas do artista plástico argentino Jorge Macchi que, por meio de seus mapas artísticos, descreve a cidade de Buenos Aires em suas formas simbólicas.

Carla Monteiro Sales, doutoranda em geografia da Universidade Federal Fluminense, assina o artigo seguinte no qual também reflete sobre mapas artísticos. A autora está informada por referências centrais da cartografia crítica e da história dos mapas e analisa tanto a produção quanto a circulação de um dos mapas artísticos mais conhecidos na América Latina, o “Mapa Invertido da América do Sul”, desenhado pelo artista uruguaio Torres-García em 1943. Considerando como o mapa do artista se apropria e subverte normas da cartografia tradicional, com um sentido geopolítico explícito ao “inverter” a ponta da América do Sul, Carla enfatiza a reprodução da imagem em diversos contextos, como materiais escolares, anúncios de congressos acadêmicos e tatuagens.

O último artigo da revista igualmente se debruça em um tipo de cartografia, não alinhada aos cânones dos mapas tradicionais, que privilegia uma comunicação direta com o público. Liebert Rodrigues, doutorando em geografia da Universidade do

Estado do Rio de Janeiro, explora mapas veiculados na imprensa, criados para representar um tópico específico, qual seja, a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. Se no artigo anterior o mapa serve como um agregador da identidade Sul-Americana, neste os mapas são interpretados como mecanismos de alteridade, evidenciando como a cartografia veiculada na imprensa pode produzir e reproduzir imaginações geográficas sobre áreas pauperizadas da cidade. Fazendo uso do termo ‘favelismo’, cunhado pela antropóloga Marcia Pereira Leite em referência ao termo Orientalismo de Edward Said, Liebert Rodrigues destrincha o papel de mapas jornalísticos na caracterização do Outro, recorrentemente inferiorizado e representado como ameaça à ação do poder público.

Para finalizar o número 39 da E&C, temos grande satisfação em publicar as traduções selecionadas para a presente edição. Os textos aqui reunidos foram originalmente apresentados em uma sessão especial na 16ª Conferência Internacional sobre História da Cartografia, realizada em Viena, em 1995. A sessão sobre teoria e história da cartografia foi organizada pelo reconhecido editor de livros e artigos sobre história da cartografia Ed Dahl e teve a participação de pesquisadores renomados como Matthew Edney, Christian Jacob e Catherine Delano-Smith. As apresentações, e comentários de pesquisadores que estiveram no debate, foram publicados em uma sessão especial da Revista *Imago Mundi* em 1996 e agora estão disponíveis para o público brasileiro, em português, nas páginas da E&C.

A obtenção das autorizações para a tradução de textos só foi possível com a preciosa ajuda de Ed Dahl, que contribuiu em todo o processo de tradução e apoiou o pré-lançamento desse número da E&C em uma sessão especial realizada no 27º Congresso Internacional de História da Cartografia, realizado em Belo Horizonte em 2017. No intuito de contextualizar essa contribuição, o primeiro documento oferecido na seção de traduções traz a chamada para a sessão realizada em Belo Horizonte em 2017, escrita conjuntamente por Ed Dahl e André Reyes Novaes.

O segundo documento traduzido é a apresentação, assinada por Ed Dahl à época da publicação original, na qual são apresentadas as motivações e os desafios para um debate sobre teoria na história da cartografia. Após as apresentações estão disponibilizados os artigos que se tornaram referências para muitos trabalhos nas décadas seguintes. Matthew Edney defende que as teorias se encontram nas raízes de todo estudo empírico, sejam elas reconhecidas ou não. Christian Jacob introduz os

conceitos de “mapa transparente” e “mapa opaco”, argumentando por uma abordagem contextual para a história da cartografia. Já Catherine Delano-Smith defende uma aproximação entre história da cartografia e a teoria crítica literária, ambas preocupadas com problemas como autoria, contexto e gênero. Os artigos, sintéticos e significativos, são seguidos de cinco breves comentários assinados por pesquisadores de diferentes partes do mundo.

Como toda publicação significativa, o número 39 da E&C é fruto de uma série de encontros. E em tempos tão difíceis, todo encontro traz o potencial para se transformar em um ato político. De fato, publicar um número contando com a participação e a colaboração de excelentes pesquisadores do Brasil e do exterior nos parece nesse momento uma demonstração de resistência e solidariedade. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro conta com diversos núcleos de pesquisa de excelência, como o NEPEC, que produzem conhecimento e fortalecem a cultura acadêmica no nosso país. Estes núcleos seguem ativos, resistindo, mas estão sendo asfixiados pelo corte de verbas e os pagamentos intermitentes dos projetos. Com a publicação de mais um número da revista E&C, nosso desejo último é deixar registrado que a UERJ resiste e que seguimos com o desenvolvimento e a divulgação do conhecimento crítico, afetuoso e, acima de tudo, livre.

André Reyes Novaes

Mariana Lamego